



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

REFLEXÃO SOBRE O RACISMO NA COLÔNIA DE SANTO DOMINGO: HAITI, O MODELO DE UMA REVOLUÇÃO NEGRA INCLUSIVA

FÉCU MÉTELLUS¹

GLÓRIA CECÍLIA FIGUEREDO²

RESUMO. Haiti tem conhecido dos problemas raciais e sociais depois o período da colonização que permanecem até hoje. Então, esta situação encontra origem na formação das diferentes classes sociais na colônia de Santo-Domingo. Assim, a implementação do sistema colonialismo do século XVII na colônia permitiu que os brancos explorem uma boa fortuna e gozaram também os principais privilégios políticos e econômicos. Os mulatos que compõem a classe intermediária foi o proprietário dos terrenos agrícolas e escravos na colônia, mas enquanto eles não eram iguais com os brancos. Os escravos que foram as principais forças motrizes do sistema colonialismo, vítimas totalmente do racismo na colônia, ficaram no campo e trabalharam nas plantações dos brancos e dos mulatos. Eles reclamaram a liberdade e a dissolução de sistema colonialismo. Visto que os seus objetivos são diferentes, criaram uma situação de pânico que levariam sobre a revolução haitiana em novembro de 1803. Este artigo trata-se uma reflexão sobre a exploração dos escravos pelas classes dominantes da colônia, sendo mais rica da atlântica francesa no século XVIII e apresenta as antagonizações entre as classes sociais, consequências da primeira revolução negra inclusiva do mundo.

Palavras-chave: Racismo, Revolução Haitiana, Colônia, Santo Domingo, Mulato.

Introdução

Haiti sendo primeiro país negro do mundo que acabou com o sistema escravidão e segundo país independência da América, tendo conhecido dos problemas desiguais, raciais e sociais à escala nacionais e internacionais que construí sobre tempos históricos. Sua organização espacial é articulada ao longo do tempo pela influência da dinâmica interna que assegurar uma empresa que, por sua vez, reúne as condições a sua integração numa ordem política e econômica inclusiva (ANGLADES, 1982). Em todos momentos uma estrutura dominante do espaço oferece passagem pela organização de formas espaciais distintas. Então, a questão de saber o que faz especificamente a dinâmica do espaço haitiano e sua relativa dominação no conjunto atual do espaço territorial.

¹ Mestrando bolsista CNPQ. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela PPGAU-UFBA. E-mail: metellusfecu3@gmail.com

² Professora da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: gloriaceciliaf@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Contexto histórico

A ilha de Santo Domingo, uma das maiores das Índias Ocidentais, foi descoberta em 6 de dezembro de 1492, por Cristóvão Colombo que, em sua primeira viagem, desembarcou na foz do Grande Rio, perto de um promontório, que ele chamou de "Cabo Santo", e onde a cidade de Capitão foi construída mais tarde.

Esta ilha, de quatrocentas e oitenta léguas de comprimento, era então densamente povoada e dividida em cinco estados independentes governados por Caciques. Um desses estados foi chamado de "Haiti", que no idioma caribenho significa "terra montanhosa". Colombo mudou esse nome para "Hispaniola", e lançou as bases de uma cidade neste território, que ele chamou de "Santo Domingo", daí o nome que mais tarde foi de toda a ilha.



Mapa 1 – Santo Domingo. Fonte: Anglades (1982).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Os seus habitantes acolheram os espanhóis com bondade. Mas os europeus os trataram tão cruelmente que, um século depois, restaram apenas mil indígenas neste território.

O primeiro núcleo da população francesa foi formado em Santo Domingo, na segunda metade do século XVII, pelos "Flibustiers" ou "Boucaniers", também conhecidos como "Frères de la Côte", cujas explorações marítimas foram prodigiosas. Por volta de 1662, deixaram a Ilha da Tartaruga, situada a poucos quilômetros a nordeste de Santo Domingo, e desembarcaram na costa, sob a liderança de "Pierre Le Long", em Cabo Santo, também conhecido como "Haut-du-Cap". Fundaram uma paróquia, sob o patronato de São Pedro, que após induziu à construção da cidade de "Cap-Français", a uma curta distância a norte de "Saint-Pierre-du-Haut-du-Cap".

Logo, os "Bucaniers", cuja maioria eram franceses, ocuparam toda a parte norte da ilha, entre "Fort-Dauphin" e "Port-de-Paix", depois gradualmente se espalhando para o oeste e para o sul. Em 1664, todo o território que ocupavam, cobrindo uma área de quase 80.000 quilômetros quadrados, cerca de um sétimo do território da França, foi declarado colônia francesa. Colbert foi o seu primeiro governador, Senhor de Anjou, nascido Bertrand d'Ogeron de la Bouère, em Rochefort-sur-Loire, atraiu muitos de seus compatriotas para esta colônia, incluindo o Padre Marc de Angers, que se tornou o líder espiritual de Santo Domingo.

Condições físicas

As cadeias montanhosas e as planícies costeiras são características fisiográficas comuns a todos os países das Caraíbas. No continente, um clima mais fresco, riqueza mineral e a presença de mão-de-obra indiana, atraiu os espanhóis para os planaltos (BRUNET, 1979). No entanto, as primeiras povoações espanholas, por causa do terreno e da selva impenetrável, além da ausência de rios navegáveis, permaneceram isoladas. Essas barreiras físicas impediram a consolidação dos centros urbanos coloniais, que se comunicavam mais com a Espanha do que entre si.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Além disso, no Haiti, as planícies costeiras eram preferidas como território de povoamento, pois a presença do mar e dos ventos alísios facilitavam muito mais a comunicação do que no continente.

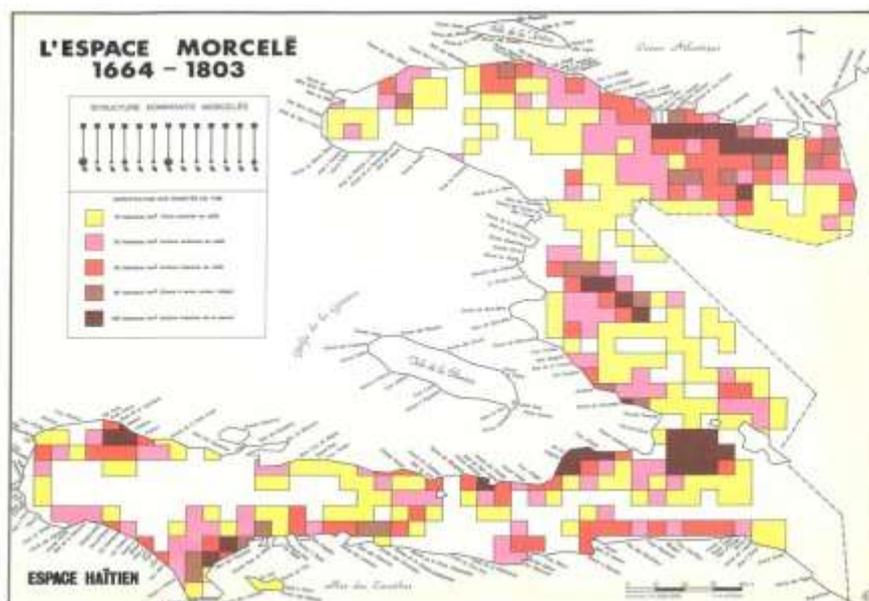
Estabelecimentos coloniais

Assim impérios coloniais, a potência francesa e a Companhia das Índias Ocidentais se instalam na ilha do Santo Domingo³ para explorar seus recursos, através uma política colonial de exploração agrícola, no século XVII. A produção das especiarias, incluindo açúcar e café, representava mais de metade do comércio atlântico francês durante ao século XVIII, contribuindo ao desenvolvimento do capitalismo. Então o espaço colonial se dividiu em 5.000 habitações, consideradas como as unidades de exploração colonial (ANGLADES, 1982). Cada unidade era uma autarquia relativa, possuindo terras de cana, equipamentos de refinaria e casas reservadas aos escravizados. Grandes ou pequenas, todas habitações eram ligadas diretamente a um porto, que assegura a exploração pela França e permitia a acumulação do capital econômico (GODARD, 1983). O capital colonial da ilha ficava na cidade de "Cap-Français", mais tarde, na independência, chamada de "Cap-Haïtien". Esse núcleo prevalecia na colônia, economicamente e intelectualmente, até o século XIX, apesar do estabelecimento da capital política em Port-au-Prince, desde 1749.

³ Santo Domingo é o nome da colônia da França, dividida após a guerra de Independência, em novembro de 1803 em dois países, a República do Haiti, na parte leste, e a República Dominicana, a oeste.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Mapa 2 - Espaço fragmentado: o tamanho das propriedades coloniais. Fonte: Anglades (1982).

A prosperidade colonial era falsa e a sua autonomia era aparente. A riqueza do capital colonial era fundada sobre uma economia profundamente em desequilíbrio, com a função de estabelecer uma relação de exploração. Assim a organização do espaço urbano haitiano, durante todo o período colonial, foi marcada pela ausência de uma rede urbana. Algumas cidades polarizaram os seus espaços regionais e ampliaram as funções, como o lugar de trânsito dos produtos, a sede da administração, a residência secundária dos colonos e proprietários, e o refúgio de pessoas marginalizadas, de todos os tipos. (ANGLADES, 1982). Nenhuma cidade tinha autonomia e influência de verdade, mas o seu peso histórico e a sua especialidade permitiam compreender o processo da evolução da rede urbana, após a independência.

A humilhação imperdoável

Em 1803, os negros do Haiti subjugarão as tropas de Napoleão Bonaparte, e a Europa jamais perdoou essa humilhação, considerada na época, infligida aos brancos. O Haiti foi o segundo país livre das Américas. Os Estados Unidos haviam conquistado antes a sua independência, mas contava com meio milhão de escravos que trabalhavam nas



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

plantações de algodão e de tabaco. Thomas Jefferson (1820), que era dono de escravos, dizia que todos os homens eram iguais, mas também dizia que os negros eram inferiores.

A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. A terra haitiana fora devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, onde um terço da população havia caído em combate. Então começou o bloqueio internacional. A nação recém-nascida haitiana foi condenada à solidão, tanto pela Europa quanto pelo EUA, com receio de que pudesse servir de inspiração a outras revoluções de escravizados. Ninguém comprava do Haiti e ninguém a ele vendia, muito menos o reconhecia enquanto país.

Espaço regionalizado e exclusão dos antigos escravizados

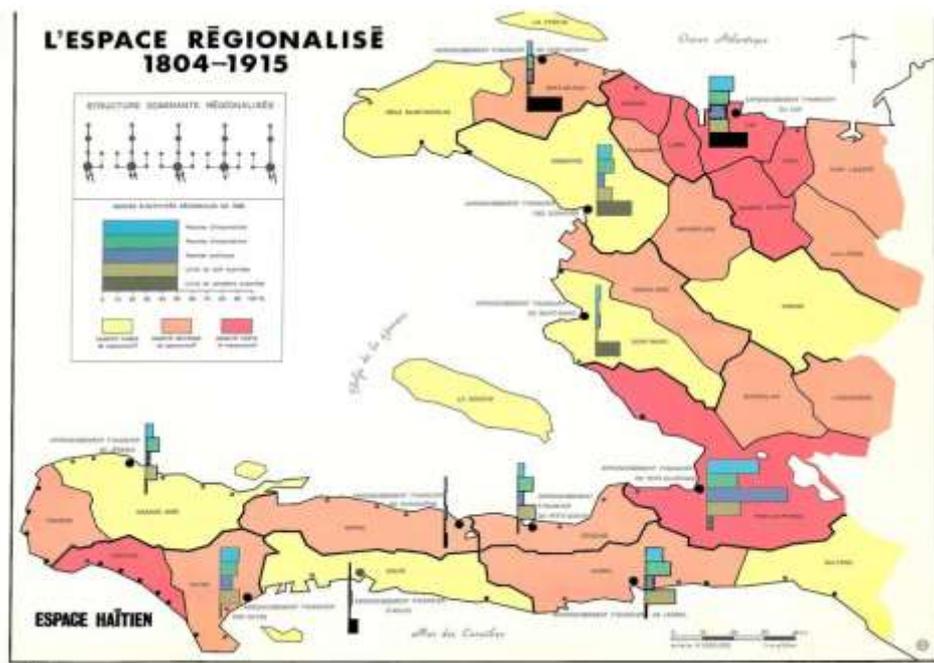
Em 1804, o Haiti proclamou a sua independência e saiu da dominação colonial, mas as relações de importação e exportação dos produtos agrícolas ficaram sempre ligadas com a Europa e os Estados Unidos. As habitações se dissolveram e as onze cidades regionais nasceram, dirigindo as novas classes emergentes ao mercado de exportação de produtos agrícolas para o exterior. Essas novas classes e investidores estrangeiros perpetuaram uma economia para exportação com a mão de obra dos escravos e neocolonialismo, favorecendo a desorganização do campo (ANGLADES, 1982). Essas oligarquias haitianas, durante o século XIX, formavam onze cidades costeiras e acumulavam as riquezas da terra, fazendo do grande comércio e das operações, por vezes ilegais, o sustento do Estado haitiano. Essas oligarquias dos onze departamentos organizaram, progressivamente, os seus interiores, drenando os recursos dos campos, pela disponibilidade de mão-de-obra camponesa, ou seja, controlando os antigos escravizados.

Os departamentos se tornaram mais fortes. Seus grupos hegemônicos aliaram-se, opuseram-se, e depois se combateram. Cada um deles singularizou-se para uma combinação original de facção fundiária rural, urbana, comerciante ou política. Sobre a



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

extensão das facções no espectro de cores da pele, há divisão entre negros e pardos⁴ (ANGLADES, 1982).



Mapa 3 - Espaço Regionalizado: densidade 1804-1915. Fonte: Anglades (1982).

Apesar disso, a economia ficou extravertida, com uma verdadeira estrutura urbana nascendo no entorno das cidades portuárias. A capital Port-au-Prince beneficia-se de uma posição central na oligarquia fundiária e comerciante, dominando as outras cidades regionais.

A ocupação americana e o projeto de centralização

No final do século XIX, os Estados Unidos eliminaram a França do mercado haitiano, orientaram os seus lucros do comércio exterior, dispendo da força de trabalho camponesa, para o desenvolvimento de sua indústria. A ocupação americana, de 1915

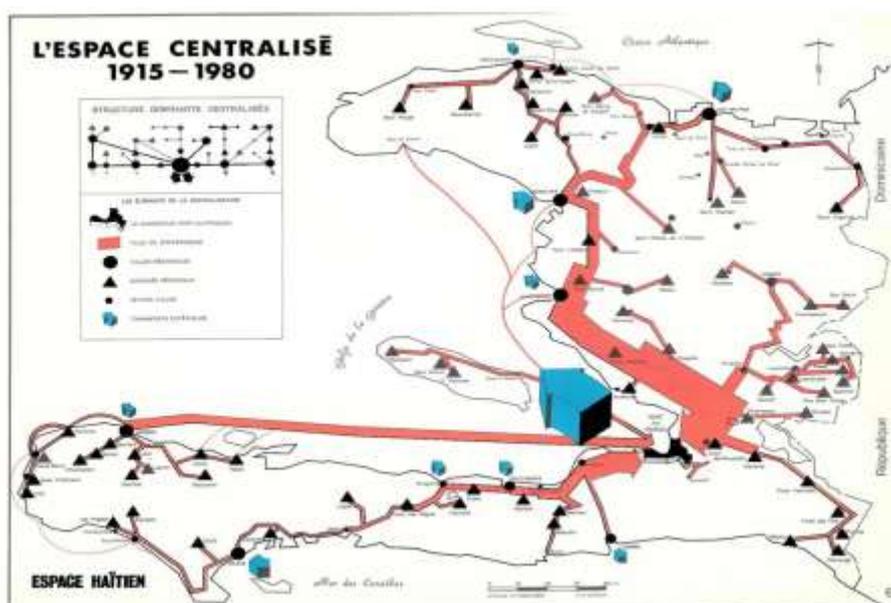
⁴ O termo em desuso na língua portuguesa, "mulato", aqui é tratado como "pardo", como classificação do IBGE (2010). Essa era a classe social intermediária na colônia de Santo Domingo, a população nascida de um homem branco e uma mulher negra.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

a 1934, abriu a era de dependência do Haiti ao capitalismo financeiro e industrial, ao imperialismo (ANGLADES, 1982).

Para fortalecer os seus projetos de centralização no território haitiano, os Estados Unidos tomaram sérias decisões administrativas e políticas. Eliminaram os exércitos haitianos, os orçamentos regionais, os mercados, os portos provinciais e estabeleceram um centro único, Port-au-Prince, capital do Haiti. O aparelho de legitimação se implantou com a defesa da nova ordem social e espacial, estritamente centrada na capital. O campo foi considerado como o reservatório de mão-de-obra, necessária como proletária das novas indústrias.



Mapa 4 - Espaço centralizado: fluxo de convergência 1915-1980. Fonte: Anglades (1982).

Então as populações do campo ficaram privadas das atividades agrícolas e migraram-se às diferentes centrais açucareiras no Caribe, como Cuba, por exemplo (ANGLADES, 1982). Assim, em 10 anos, de 1920 até 1930, mais de um quarto da população haitiana de dois milhões de habitantes migrou para o exterior (ANGLADES, 1982). Essa imigração forçada colocou fim a um potencial guerrilha camponesa.

De fato, na segunda metade do século XX, fatores como má política agrícola e a exploração excessiva das terras continuaram a deteriorar a economia do campo,



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

acelerando a migração massiva dos camponeses para as zonas urbanas haitianas. As pessoas buscaram segurança, oportunidades e maior acesso aos serviços básicos (NANCY; MARISA, 2017). Mas o abastecimento dos serviços não foi suficiente para responder às pressões das novas populações, e as cidades encontraram-se incapazes de responder aos pedidos de novos vindos.

Conclusão

Os Estados Unidos invadiram o Haiti em 1915, e governaram o país até 1934. Retiraram-se quando conseguiram os seus dois objetivos: cobrar as dívidas com o Citibank e abolir o artigo constitucional que proibia vender as *plantations* aos estrangeiros. Então Robert Lansing (1902), secretário de Estado americano, justificou a longa e feroz ocupação militar explicando que a "raça negra" seria incapaz de governar-se a si própria. Teria o negro, segundo ele, "uma tendência inerente à vida selvagem, e uma incapacidade física de civilização".

Um dos responsáveis pela invasão, William Philips, havia incubado, tempos antes, a ideia sagaz de que "este povo é inferior, incapaz de conservar a civilização que haviam deixado os franceses". O Haiti fora a pérola da coroa, a colônia mais rica da França. Era uma grande plantação de açúcar, com mão-de-obra escravizada. Em "O Espírito das Leis" (1996), Montesquieu havia explicado, sem papas na língua, que:

O açúcar seria demasiado caro se os escravos não trabalhassem na sua produção. Os escravos são os negros, desde os pés até à cabeça, e que têm o nariz tão achatado que é quase impossível deles ter pena. Torna-se impensável que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma, e sobretudo uma alma boa, num corpo inteiramente negro. Em contrapartida, Deus havia posto um açoite na mão do capataz. Os escravos não se distinguem pela sua vontade de trabalhar. Os negros são escravos por natureza, e vagos também por natureza, e a natureza, cúmplice da ordem social, é obra de Deus: o escravo deve servir o amo e o amo deve castigar o escravo, que não mostra o menor entusiasmo na hora de cumprir com o desígnio divino.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Trecho de "O Espírito das Leis" (MONTESQUIEU, 1996)

Karl von Linneo (1735), contemporâneo de Montesquieu, havia retratado o negro com precisão científica: "Vagabundo, preguiçoso, negligente, indolente e de costumes dissolutos". Mais generosamente, outro contemporâneo, David Hume (2004), havia comprovado que o negro "pode desenvolver certas habilidades humanas, tal como o papagaio que fala algumas palavras".

Bibliografia

ANGLADES, Georges. *Atlas Critique D'Haiti*. Montréal, Université du Québec à Montréal, Groupe d'Etudes et de Recherches Critiques d'Espace, 1982.

BRUNET, Yves. *Urbanisation circum-caraiibéenne : antécédent historique et tendances actuelles*. Cahiers de géographie du Québec, 23 (60), 399–417, 1979.

GODARD R. H. Port-au-Prince : les mutations urbaines dans le cadre d'une croissance rapide et incontrôlée. Port-au-Prince, Haiti, 1983. 345p. Tese (Doutorado) - Université de Bordeaux III - UER de Géographie, 1983.

HUME, David. Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral/ tradução de Jose Oscar de Almeida Marques. -São Paulo: Editora UNESP, 2004

KARL VON Linneo: Sistema da Natureza. Leiden 1735; 10ª edição, Estocolmo 1758-9.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. *O espírito das leis*. Apresentação Renato Janine Ribeiro; tradução Chistina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NANCY Lozano-Grécia; MARISA Garcia Lozano. Les villes haïtiennes: Des actions pour aujourd'hui avec um regard sur demain. Haiti, 2017. Disponível em: <<http://documents.banquemondiale.org/curated/fr/673811516625053211/overview>>Acesso em: 16 jun. 2019.

ROBERT Lansing. Government ; Its Origin, Growth, and Form in the United States: With Special Treatment of the Constitution and Government of New York State. Silver, Burdette, Université de Harvard, 1902.

THOMAS Jefferson. Manual de prática parlamentar. Washington City-Quarta Edição, 1820.